

Noite de sábado. A autoestima sobe junto com o calcanhar. O salto de tão alto, esqueceu de lhe descer. Sentir os pés no chão não era uma alternativa nas próximas horas.

Dores inoportunas são ligeiramente esquecidas quando a linha do horizonte é vista de cima. Somente as pontas dos dedos rentes ao solo não deixam esquecer por onde se pode andar.

O símbolo do infinito tatuado em seu punho esquerdo está pontilhado só para lembrar-lhe que a vida é curta. A certeza dos seus passos faz o acaso recuar; e deixa as mãos livres para alcançar o que deseja.

O batom pega carona nos seus lábios na tentativa de ser notado. Frustrado, perde espaço quando os dentes encontram a própria carne e denunciam desejo. O vermelho, ainda vivo, arranca olhares quando desenhado em outras faces, ou borrado em outras bocas.

Os fios loiros ondulados lhe roubam um pouco da visão, mas seus dedos lançam-nos para trás. Uma jogada ensaiada para disfarçar suas intenções.

A malícia despontada num sorriso desce pelo corpo e põem em movimento o cruzar das pernas torneadas. Ela caminha vagarosamente para que os desavisados, em vão, tentem se perder nas curvas.

O vestido preto lhe abraçava o corpo e um rastro de insinuosas vontades jazia evidente por entre as mesas. Perder-lhe de vista tiravam os pescoços virados do caminho.

Os castanhos dos seus olhos parecem terem sido furtados numa noite quente. Tão inquietos percorrem outros pares por alguns segundos. Enfim, dois de igual intensidade lhe seguram no ar.

Quando chega ao seu destino, o olhar que lhe atraíra já estava a se render. Depois de um beijo incontido, afasta-se e deixa para trás boa parte de seu batom misturado a doces ilusões.

O pontilhar de sua tatuagem lembrou-lhe que sua partida estava atrasada. Desatou-se, deixando a noite para trás. Não cabia mais ninguém em seu infinito particular.

Eduardo Gomes, jornalista formado recentemente, mas fã antigo da sinestesia que as palavras produzem. As crônicas, as poesias e os contos dizem mais que o lead diário, e por isso escrevo. 24 anos de vida, mas há dez tento rabiscar minhas madrugadas em claro. Um dia a parede do meu quarto não será mais branca.